

ROCHA, D. O. S. . Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. Gragoatá (UFF), v. 21, p. 355-372, 2006.

Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem

Décio Rocha – Uerj - CNPq

Resumo

Com base em declarações concedidas pelo presidente dos Estados Unidos da América G. W. Bush, em entrevista realizada em 16 de setembro de 2001, precisamente cinco dias após o ataque terrorista ao World Trade Center, este artigo discute o duplo papel da linguagem – linguagem-representação e linguagem-intervenção – nas relações estabelecidas entre sujeito e mundo. Nosso interesse pela análise do referido texto se justifica pelo fato de Bush fazer referência a uma “cruzada” contra o inimigo, expressão inadequada que suscitou uma vigorosa reação da comunidade islâmica. O conceito de cenografia proposto por Maingueneau mostra-se produtivo para pensar a dimensão de intervenção da linguagem.

Palavras-chave: representação, subjetividade, alteridade, cenografia, terrorismo.

Abstract

Based on a corpus composed of an interview with G. W. Bush, president of the U.S.A., which took place on the 16th September 2001, precisely five days after the terrorist attack to the World Trade Center, this paper discusses the double role of language, representing and intervening, in its mediation between subject and world. The main reason to explain the interest of the analysis of this interview is the fact that Bush speaks of a “crusade” against the enemy, inadequate expression which brought about a vigorous reaction from islamitic community. The concept of scenography conceived

by Maingueneau shows itself productive in putting forward the intervening dimension of language.

Keywords: representation, subjectivity, alterity, scenography, terrorism.

A leitura de textos que problematizam a produção de subjetividade na perspectiva assumida por Deleuze e Guattari tem-se constituído em verdadeiro desafio nos estudos voltados para as práticas de linguagem. O que pode, afinal, a linguagem, para além de seu poder de representação de um dado estado de realidade? Que papel desempenha na produção de diferentes modos de subjetivação? Eis algumas das questões que soam como verdadeira provocação e que abordarei neste trabalho.

Com efeito, sabemos, desde Nietzsche, que os conceitos que produzimos para fazer referência à realidade permitem-nos apresentá-la como sempre idêntica a si mesma, reconhecível porque estabilizada em uma forma passível de ser comunicada. Tal prática implica o aprisionamento do real, o aprisionamento daquilo que sempre devém, em fórmulas identitárias que correspondem tão-somente a uma das faces da linguagem: seu poder de falar do mundo, produto de uma consciência vista como “lugar da interioridade e da organização centralizadora do eu” (Mosé, 2005, p.116). Linguagem-representação.

Porém, esse mesmo poder de falar do mundo significa que nele encontramos não exatamente uma realidade *per se*, mas fundamentalmente algo que nos afeta; tal encontro corresponde à atividade de interpretação exercida pelo sujeito que vai buscar no mundo ressonâncias suas, uma vez que, como o afirma Naffah Neto (1998), é real aquilo que nos toca em nossos interesses. Linguagem-intervenção.

Desde já, pressentem-se alguns ecos desse duplo modo de atualização da linguagem no fragmento que transcrevo a seguir:

... o mundo não é tão-somente exterior, nem tão-somente interior; está sempre fora e dentro ao mesmo tempo ou, melhor dizendo, constitui-se nessa imbricação de um *exterior* e de um *interior*, fluindo e refluindo por movimentos de *projeção* e *introjeção* ... *Fora* e *dentro* participam, pois, da mesma substância, o *dentro* constituindo-se como uma *envergadura do fora*; o *fora* como uma multiplicidade de perfis projetados de *dentro*. Ao *fora* aprendemos a chamar de *mundo*; ao *dentro*, de *subjetividade*. (Naffah Neto, 1998, pp. 70-1)

Eis, assim, relativizada a distância que separa o sujeito e o mundo: o dentro e o fora como invenções de diferentes conjugações de forças, cujos resultados são marcados pela instabilidade e transitoriedade. Qual pode ser precisamente o interesse do fragmento citado para quem trabalha com práticas languageiras em uma perspectiva discursiva?

De modo sucinto, uma resposta à questão formulada implicaria um duplo caminho de investigações: (i) explicitar a natureza dos laços que se verificam entre o sujeito e seu entorno, vistos como formas em permanente interdelimitação; (ii) circunscrever o lugar ocupado pelas práticas de linguagem junto à produção de subjetividade e junto à articulação entre o sujeito e o mundo.

Dada a impossibilidade de cumprir esse duplo itinerário nos limites do presente artigo, é opção minha deixar em suspenso a primeira via de investigação – não, é claro, sem dizer um mínimo a seu respeito – e propor, como objetivo central deste trabalho, uma possível cartografia da segunda via identificada.

O itinerário realizado

Pela extensão do caminho que ora proponho percorrer, considero importante oferecer desde já ao leitor um mínimo de informação a respeito das escolhas que faço e, desse modo, deixar claro o que esperar ou não destas reflexões.

Assim, em “Sobre a produção de subjetividade e noções afins”, apresento algumas poucas definições relevantes para situar a noção de *subjetividade* e o modelo de inconsciente que lhe é subjacente. A seguir, em “Construção de um *cópus*⁰ e engendramento de efeitos de sentido”, enfatizo a articulação entre práticas languageiras e evento da atualidade, sendo contextualizado o tipo de investigação proposta, cuja “motivação temática” pode ser assim apresentada: a partir do evento de 11 de setembro de 2001 (ataque aéreo ao World Trade Center), a convocação feita por G. W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América, de uma “cruzada” contra os “agentes do mal” é vista como elemento desestabilizador de uma dada ordem.

Uma vez apresentado e justificado o contexto das práticas textuais midiáticas que servirão de suporte ao trabalho, início, no item intitulado “Ensaio de leitura: caminhos da produção de subjetividade nas práticas languageiras”, um exercício de análise dos dados selecionados (entrevista concedida por Bush em 16/09/2001)¹, propondo-me acompanhar os deslocamentos que se operam em um duplo modo de funcionamento da linguagem: por um lado, a linguagem-representação e, por outro, o que denominarei linguagem-intervenção. Dentre outras considerações, será conferida ênfase especial à noção de *cenografia* (Maingueneau, 1989) como dispositivo discursivo compatível com o modo pelo qual a linguagem intervém na produção de um mundo. No último item, em tentativa (provisória) de conclusão, argumenta-se a favor de uma certa concepção de *alteridade* que nos parece muito compatível com a função de intervenção da linguagem e, finalmente, reitera-se a dimensão política de alguns dos desdobramentos possibilitados pelo recurso à noção de *cenografia*.

Sobre a produção de subjetividade e noções afins

Em cumprimento ao que enunciei anteriormente, apresento de modo sucinto algumas das posições que vêm sendo reafirmadas a respeito do caráter necessariamente coletivo (isto é, do caráter nem individual, nem grupal) das práticas de enunciação, as quais pressupõem a participação de fatores da ordem do extrapessoal e do infrapessoal (respectivamente, o “além” e o “aquém” do humano)²:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual ..., quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal ... (Guattari & Rolnik, 1986, p.31)

Percebe-se aqui o projeto de desenvolver uma concepção mais transversalista de *subjetividade*, sendo ultrapassada a oposição clássica entre *sujeito individual* e *sociedade*. Eis, desse modo, uma das definições que acolhemos para *subjetividade*:

... o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (Guattari, 1992, p.19).

O autor indica, deste modo, o jogo incessante de alternância entre formas mais ou menos individuadas da subjetividade:

... em certos contextos, a subjetividade se individua: uma pessoa, responsável por si mesma, se posiciona frente a relações regidas por usos

familiares, costumes locais, leis jurídicas ... Em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social. Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos... (..) A subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos « matemas do Inconsciente », mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, lingüísticas, que não podem ser qualificadas de humanas. (Guattari, 1992, pp.19-20)

Tal concepção de subjetividade em processo exercerá uma ação não negligenciável sobre o modo como entendemos a produção de (efeitos de) sentido, além de implicar um modo próprio de caracterização do funcionamento daquilo que denominamos *inconsciente*. A estreita correlação entre inconsciente e produção de subjetividade, assim como o lugar que nela ocupam os agenciamentos coletivos de enunciação, podem ser identificados, por exemplo, na seguinte citação:

Os processos inconscientes não podem ser analisados em termos de conteúdo específico, ou em termos de sintaxe estrutural, mas antes de mais nada em termos de enunciação, de *agenciamentos coletivos de enunciação*. Estes, por definição, não coincidem com as individualidades biológicas. (Guattari, 1985, p.171)

Mas, afinal, de que inconsciente falamos? Qual o modelo de inconsciente que subjaz à referida produção de subjetividade?

Para se referir a esse campo que ultrapassa os limites da racionalidade do homem, Guattari fará a opção por um modelo de inconsciente que se diferencia do modelo

freudiano (também dito clássico ou psicanalítico): à interioridade do modelo personológico, familiarista, do inconsciente freudiano, lugar de fixações arcaicas do passado (narcisismo, instinto de morte, medo à castração), Guattari preferirá um inconsciente desterritorializado, permeável às instituições e às forças do campo social, voltado tanto para o presente, para o passado quanto para o futuro; um inconsciente concebido como lugar de interação entre componentes semióticos e sistemas de intensidade diversificados³. Um modelo de inconsciente assim concebido Guattari chamou de “maquínico” ou “esquizoanalítico”, o qual foi definido por Naffah Neto com especial sensibilidade:

... a noção de *Inconsciente* se amplia consideravelmente, rompendo a dicotomia individual / coletivo, para designar o *conjunto dos diferentes campos de forças mobilizados na produção do real, em suas articulações contingentes e singulares*. (Naffah Neto, 1985, p.25)

Construção de um corpus e engendramento de efeitos de sentido

Diante da opção de aprofundar a questão referente ao papel da linguagem na produção de subjetividade, trabalhamos com o texto de uma entrevista concedida por G.W. Bush aos 16 de setembro de 2001, exatamente cinco dias após o ataque aéreo às torres-gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, acontecimento que, como dissemos, deu origem a um pronunciamento do presidente G. W. Bush versando sobre a necessidade de uma “cruzada”:

"Este é um novo tipo ... de mal. E nós compreendemos. O povo americano está começando a compreender. Essa **cruzada**, essa guerra contra o terrorismo levará algum tempo. E o povo americano precisa ser paciente. Eu serei paciente.”⁴

Os efeitos de sentido que se produzem a partir do referido pronunciamento são desastrosos: o termo “cruzada” desperta, como memória discursiva, ressonâncias não desejáveis no que se refere aos embates ocorridos entre o mundo ocidental e o mundo muçulmano entre os séculos XI e XIII. Senão, vejamos algumas das informações que figuram no verbete *cruzada* no dicionário:

cruzada 1 HIST.REL expedição militar e religiosa, conduzida principalmente por nobres cristãos na Idade Média entre os anos de 1095 a 1270, com o fim de fazer a guerra denominada santa contra os muçulmanos, e reconquistar Jerusalém e o túmulo de Cristo 2 *p.ext.* HIST.REL qualquer movimentação militar de intuito religioso, esp. contra os representantes de determinadas heresias na Idade Média <a c. contra os cátaros> 3 *p.ext.fig.* qualquer empreendimento mais ou menos grandioso no sentido de se solucionar um mal, um problema de cunho social etc. ou ainda de se defender alguma idéia, princípio ou algum interesse próprio <os médicos fizeram uma c. contra a febre amarela>.⁵

Observe-se que a tematização de “cruzada” não é exatamente um ato de criatividade de Bush: a referência aos «cruzados» era bastante viva, pelo menos desde maio de 1998, quando Bin Laden anuncia a criação de uma organização da qual a Al-Qaeda passaria a fazer parte, intitulada “Frente Mundial Islâmica contra os judeus e os cruzados”⁶.

Ao perceber a inadequação da declaração prestada, o governo americano, em novo pronunciamento oficial assumido dessa vez por Ari Fleischer, porta-voz da Casa Branca, faz o possível para desfazer o “mal-entendido”: a ação pretendida pelo governo tem por alvo o terrorismo, e não o mundo islâmico. Assim, justifica o porta-voz da presidência:

“ ... à medida que essa palavra [cruzada] tem conotações que irritariam alguns de nossos parceiros ou qualquer um no mundo, o presidente lamenta que qualquer coisa assim tenha sido implicada. O sentido de sua declaração foi o tradicional em inglês, de uma causa ampla.”⁷

É interessante uma breve reflexão acerca do que Fleischer denomina uso “tradicional” do termo: o porta-voz da Casa Branca tenta um deslocamento dos efeitos de sentido produzidos por intermédio da escolha de *cruzada*, que conteria “conotações que irritariam alguns de nossos parceiros”, e, arvorando-se de filólogo ao aludir a um pretense uso tradicional do termo, propõe a produção de um novo efeito de sentido, desta vez suficientemente premeditado. Ora, o que Fleischer denomina “uso tradicional” do termo coincide justamente com o que o dicionário considera como uso figurado: “empreendimento mais ou menos grandioso no sentido de se solucionar um mal”. Resultado: a ‘cruzada’ foi (verbalmente) desqualificada, e Bush, em busca de adesões estratégicas à sua ‘coalizão contra o terror’, passou a fazer de tudo para convencer o mundo de que os Estados Unidos não estariam em guerra contra o islã (Magnoli, 2005).

Como entender tudo isso? De que modo pode esse relato contribuir para a questão que abordamos neste artigo?

Pode-se dizer que, da dupla desestabilização a que assistimos – desestabilização decorrente da destruição do World Trade Center e desestabilização produzida por um determinado uso do termo *cruzada* –, trataremos neste trabalho do segundo, tendo em vista nosso interesse em discutir a pertinência de um enfoque que explicita esta dupla função da linguagem: por um lado, representar, falar de um dado estado de coisas no mundo; por outro, intervir nesse mesmo mundo, contribuindo para produzi-lo.

Com efeito, poderíamos supor que, se tal função de intervenção não tivesse sido acionada, isto é, se tudo pudesse ser explicado pelo simples “mal-entendido” cometido por um sujeito (individualizado) de enunciação, o episódio não teria certamente tido a repercussão que teve e o pequeno “lapso” teria passado por despercebido, ou, no máximo, teria sido facilmente retificado, sem maiores consequências. Decididamente, não foi isso o que se deu à época: conquanto tivéssemos diante dos olhos as evidências oferecidas pela individualização de um corpo-Bush falando (“ingenuamente”) de uma dada configuração de mundo, algo denunciava a inconsistência, a transparência desse mesmo corpo em seu dispositivo de enunciação⁸, o qual, antes de falar do mundo circundante, instituía-se como um dos mais poderosos fatores de produção de tal estado de coisas. Desse modo, a entrevista selecionada para análise é particularmente interessante sob essa ótica de uma dupla função da linguagem: representar o mundo e intervir no mundo. O elemento deflagrador de toda a querela – a menção a uma “cruzada” – possui, de fato, um poder de representação (pois fala de uma realidade que pode ser buscada na história medieval), mas também, certamente, um poder de intervenção (pois é capaz de “tornar real” mais uma vez o “extermínio dos infieis”, justificando-o como ação “natural” e “necessária” do mundo “civilizado”).

As reações do mundo islâmico ao uso inadvertido do vocábulo parecem testemunhar uma leitura que privilegia a força do mencionado plano de intervenção da linguagem. Com efeito, a reação contra a escolha de “cruzada” denuncia o “estado de mundo” que a alguns interessa produzir, um “estado de mundo” resultante de forças interpretantes, de afetos: um mundo no qual o verdadeiro alvo parece não ser a ação dos terroristas, mas os poderes exercidos pelo mundo árabe da atualidade.

Como recuperar a referida dimensão de intervenção da linguagem sobre as práticas cotidianas em questão? Como oportunizar a apreensão dessa língua dos afetos,

a *linguagem-intensidade* (Naffah Neto, 1998) que coloca em jogo forças potencializadoras do homem?

Ensaio de leitura: caminhos da produção de subjetividade nas práticas linguageiras

Conforme foi dito, o objetivo que ora se persegue é apreender, para além das evidências da linguagem-representação (dimensão à qual facilmente se reconhece “direito de cidadania”), uma outra dimensão, que denomino “linguagem-intervenção”. Assim, não discutirei o poder de remeter ao real que a linguagem exerce, mas indagarei acerca do que mais a linguagem é capaz de realizar. Ou melhor: indagarei sobre o que mais a linguagem faz quando parece tão-somente falar de uma “realidade em essência” que lhe preexistiria.

Linguagem-representação

Este primeiro plano é suficientemente nítido e evidente na entrevista escolhida para análise. Com efeito, são fortíssimos os vínculos que ligam o tema da referida entrevista a fatos ocorridos naquela mesma semana nos Estados Unidos. Não há como não perceber o projeto de reconstruir um evento da atualidade, isto é, de re-apresentar aos interlocutores da entrevista uma determinada configuração, uma forma que dê conta do modo como se entende / entendeu o ocorrido no dia 11. É possível recuperar passagens do texto que ilustram tal “congelamento de formas” e que resgatam o fato-tragédia: em (i), a presteza das ações do governo americano diante do ocorrido e o apoio financeiro necessário para fazer face à dura situação; em (ii), a iniciativa de contatos internacionais importantes para combater o inimigo; em (iii), a breve reconstituição do episódio do ataque às torres do World Trade Center. Vejamos os fragmentos anunciados:

(i) Obviously, New York City hurts. Congress acted quickly. We worked together, the White House and the Congress, to pass a significant supplemental. A lot of that money was dedicated to New York, New Jersey and Connecticut, as it should be.

(ii) I made a call to the leader of Pakistan.

(iii) No one could have conceivably imagined suicide bombers burrowing into our society and then emerging all in the same day to fly their aircraft - fly U.S. aircraft into buildings ...

Um outro lugar de inscrição de um plano predominantemente representacional em nosso corpus pode ser identificado nos diferentes valores assumidos pelo termo *people*. Há, pelo menos, quatro diferentes valores que podemos resgatar para o referido vocábulo: em (i), o povo americano que protagoniza o evento; em (ii), os aliados dos americanos, “pessoas que amam a liberdade”; em (iii), o inimigo que declarou guerra e que será punido; em (iv), as vítimas do evento. Vejamos os seguintes fragmentos:

(i) **the good people of America** go back to their shops

the American people are beginning to understand.

(ii) We will call together **freedom loving people** to fight terrorism.

(iii) We've been warned there are **evil people** in this world.

people have declared war on America

... to bring **people** to justice

we're facing **people who hit and run**

(iv) ... they would fly airplanes into buildings full of **innocent people**.

Penso que o referido plano das representações esteja suficientemente concretizado nos fragmentos que transcrevo em negrito. Veremos, a seguir, que tal plano ocupa um lugar bastante reduzido no texto-entrevista do presidente americano, se

o compararmos aos fragmentos que se afastam de tal “projeto de re-apresentação” de um dado estado de realidade. É de tal diferença que trataremos no próximo subitem.

Linguagem-intervenção

Um olhar mais minucioso dirigido ao texto-entrevista de Bush mostrará que, contrariamente, talvez, ao que pudéssemos esperar, a superfície ocupada por um projeto de linguagem voltada para a representação é mínima, se comparada à ocupada por aquela que se volta para a intervenção. Com efeito, ao falar do referido episódio em sua entrevista, Bush não apenas o re-apresenta, mas participa efetivamente de sua construção.

Em primeiro lugar, quero deixar claro o que pretendo dizer quando falo da construção languageira de um dado episódio. Com certeza, não pretendo reduzir a multiplicidade do real, encarcerando-o nas malhas do verbal, sob cuja ótica tudo não passaria de mero “artefato de linguagem”. Pelo contrário: sabemos que o episódio em tela – ataque às torres gêmeas do W.T.C. em Nova Iorque – foi produzido por (e, diríamos também, foi produtor de) diferentes “misturas de corpos” que atualizaram modos de sentir, de pensar, de agir, que não se limitaram a práticas verbais: se é verdade que, na ocasião, foram produzidos enunciados, é igualmente verdade que também se produziram expressões de dor, de sofrimento, gestos de desespero, gritos, esperanças, compaixão, enfim, toda a sorte de ações e paixões resultantes do encontro de forças diversas.

Em meio a tal profusão de modos de significar o real, quero apenas reafirmar que, se o campo ao qual se refere a linguagem “é muito mais mutante, muito mais polivalente do que uma palavra seria capaz de exprimir” (Naffah Neto, 1991, p.47), também é certo que nem toda prática languageira cumpre tão-somente uma “vocação representacional”.

O texto-entrevista é bastante revelador de tal “poder de intervenção” do lugar ocupado pelas práticas de linguagem na produção de uma dada configuração de real. Com efeito, a intervenção já se faz insidiosamente presente no modo como são apresentados os aliados de Bush: simulando uma atividade de mera referenciação daqueles que combaterão o terrorismo, o enunciador coloca em cena os que “amam a liberdade” – designação que, longe de remeter a uma “imagem objetiva de realidade”, já é a expressão de uma certa “qualidade de mundo” que se deseja produzir.

Por importante que seja a presença da linguagem-intervenção em situações como a que acabo de expor, penso que o *locus* por excelência de produção de um viés não representacional no texto-entrevista deva ser localizado em seus cinco primeiros parágrafos. Tomemos, pois, conhecimento do fragmento pelo qual Bush inicia suas declarações:

THE PRESIDENT: Today, millions of Americans mourned and prayed, and tomorrow we go back to work. Today, people from all walks of life gave thanks for the heroes; they mourn the dead; they ask for God's good graces on the families who mourn, and tomorrow the good people of America go back to their shops, their fields, American factories, and go back to work.

Our nation was horrified, but it's not going to be terrorized. We're a great nation. We're a nation of resolve. We're a nation that can't be cowed by evil-doers. I've got great faith in the American people. If the American people had seen what I had seen in New York City, you'd have great faith, too. You'd have faith in the hard work of the rescuers; you'd have great faith because of the desire for people to do what's right for America; you'd

have great faith because of the compassion and love that our fellow Americans are showing each other in times of need.

I also have faith in our military. And we have got a job to do - just like the farmers and ranchers and business owners and factory workers have a job to do. My administration has a job to do, and we're going to do it. We will rid the world of the evil-doers. We will call together freedom loving people to fight terrorism.

And on on this day of - on the Lord's Day, I say to my fellow Americans, thank you for your prayers, thank you for your compassion, thank you for your love for one another. And tomorrow when you get back to work, work hard like you always have. But we've been warned. We've been warned there are evil people in this world. We've been warned so vividly - and we'll be alert. Your government is alert. The governors and mayors are alert that evil folks still lurk out there.

As I said yesterday, people have declared war on America, and they have made a terrible mistake, because this is a fabulous country. Our economy will come back. We'll still be the best farmers and ranchers in the world. We're still the most innovative entrepreneurs in the world. On this day of faith, I've never had more faith in America than I have right now.

De que pistas podemos nos servir para afastar qualquer entendimento do texto produzido enquanto mera representação de um dado estado de coisas?

Uma primeira pista lingüística é a que podemos localizar na oposição entre hoje (*today*) e amanhã (*tomorrow*). Não é difícil perceber que não se trata de dêiticos remetendo a referências coincidentes com o momento da enunciação: se assim o fosse, o *hoje* estaria circunscrito ao dia da realização da entrevista (a qual foi concedida por

Bush em 16 de setembro) e, da mesma forma, o *amanhã* estaria confinado ao dia seguinte, a saber, 17 de setembro. Não parece ser essa a situação: ao *hoje* parece corresponder predominantemente o momento das angústias, da dor e da fé no povo americano; tempo do lamento e das preces; ao *amanhã*, o momento da superação de todos os entraves, momento da afirmação da supremacia de uma nação, quando todos retornarão a seu cotidiano de labor.

Uma outra pista lingüística que se pode depreender consiste nas escolhas lexicais para designar uma dupla conformação do espaço: o espaço de grandeza e de determinação que caracteriza os Estados Unidos (*a great nation, a nation of resolve, the strongest nation in the world*) contra os espaços desprestigosos e sombrios, os subterrâneos onde se esconde a indignidade inimiga (*they hide in caves, to smoke out of their holes the terrorist organization*).

A esse respeito, não é difícil perceber que lidamos não com as coordenadas temporais ou espaciais de um plano do real atualizado, mas com as de um plano cenográfico, o qual, segundo formulação de Maingueneau (2004a), não é imposto pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo, antes, instituído pelo próprio discurso:

A cenografia é ... ao mesmo tempo aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura em uma eleição, etc.
(Maingueneau, 2004a, p. 96)

O que já foi dito acerca do tempo e do espaço – respectivamente, *cronografia* e *topografia* pressupostos por uma cenografia, segundo Maingueneau (1989) – também pode ser localizado na produção dos coenunciadores: às virtudes que caracterizam o

americano, a saber, paciência, determinação, poder (*the American people must be patient, they [the enemies] have roused a mighty giant*) vem se opor um perfil de inimigo altamente desfavorável (*evil-doers, evil folks, somebody barbaric, terrorists, people who hit and run*).

Em função do exposto, argumento no sentido de associar o referido plano da cenografia ao que anteriormente denominei “plano da linguagem-intervenção”. E desde já se percebe quão oportuna é a possibilidade de operar com o referido plano, uma vez que apreender os textos produzidos por Bush em sua entrevista como elementos da ordem da representação seria dar guarida a uma certa posição assumida pelo referido ator no campo de lutas que se travam na atualidade. Com efeito, assumir que “as palavras de Bush apenas falam de um real, apenas representam o real”, significaria, no mínimo, fazer uma opção política: alinhar-se aos discursos proferidos pela Casa Branca. Alinhamento que, por motivos óbvios, já não pode estar contido no plano desinteressado da mera representação! É nesse sentido que indiquei como oportuna a inquirição desses discursos enquanto produtores de um dado estado de real: algo como “o discurso não é um ‘poslúdio’, não vem depois do ocorrido, mas contribui, a seu turno, para dar visibilidade, inteligibilidade, a uma dada situação de conjugação de forças”. Assim, pelo viés do investimento cenográfico que se atualiza nos discursos, o texto-entrevista é mais um elemento que concorre para a produção de um certo “modo americano de afrontar o perigo” e de responder às agressões “injustamente sofridas”, bem como para a produção de um perfil opositor de extrema maldade e covardia – o perfil insidioso de alguém que, sob vários aspectos, com seu modo de ser sombrio e escuso, encarna uma forma de existência subumana.

Ainda sobre cenografia, linguagem-intervenção e produção de subjetividade

O plano cenográfico parece encontrar-se, pois, diretamente ligado à produção de uma dada “condição de realidade” que não mantém necessariamente um vínculo com o empírico. Com efeito, se é verdade que o texto-entrevista de Bush remete a um evento da atualidade, também é certo que essa atualidade é matéria sobre a qual o próprio discurso deve investir, modelando-a. Como o próprio autor o indica, “a cenografia leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano ...” (Maingueneau, 2004b, p.87), isto é, a cenografia funciona como uma espécie de cilada ao se superpor ao que o autor denomina *quadro cênico* (tipo e gênero de discurso), mitigando-lhe a presença.

Como vimos anteriormente, o investimento cenográfico nesse texto-entrevista se dá por intermédio da produção de um tempo-espaço que não mantém qualquer compromisso necessário com as coordenadas do empírico: de modo conciso, diremos tratar-se de um tempo das provações, de um *hoje* que vem preparar o momento da vitória em um *amanhã* dado como certo, uma vez que se conta com a determinação de atores valorosos, cuja força de vontade será decisiva para a reconstrução de um espaço apenas momentaneamente conturbado pelos “agentes do mal”.

Retomando a própria noção de *cenografia*, lembro que, segundo Maingueneau, trata-se de um plano de “*enlaçamento paradoxal*”, uma vez que “a fala supõe uma certa situação de enunciação que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação” (Maingueneau, 2004b, p.87). A reflexão do autor nos reenvia, desse modo, aos estreitos laços que se verificam entre *cenografia* e uma certa perspectiva das práticas languageiras segundo a qual os enunciados não “contam” o real, mas, antes, o “produzem”⁹. Isso porque “a cenografia não é ... um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele” (Maingueneau, 2004b, p. 87), mas, ao contrário, institui progressivamente a cena a partir da qual será legítimo enunciar.

Além da produção de um tempo-espço e de um certo perfil de atores protagonizando o evento do qual se fala, assiste-se ainda ao acionamento de outros dispositivos cenográficos no texto-entrevista. Citaremos apenas dois desses dispositivos que se revelam absolutamente complementares: a escolha de um dado campo lexical dos discursos religiosos e uma certa configuração sintática (também em sintonia com o plano religioso, conforme veremos) em que a repetição parece desempenhar um papel de relevo.

O primeiro dos dispositivos indicados – campo lexical que privilegia o religioso – pode ser facilmente evidenciado em alguns fragmentos:

(i) Today, millions of Americans mourned and **prayed**, ...

(ii) Today, people from all walks of life **gave thanks** for the heroes; (...) they ask for **God's good graces** on the families who mourn, ...

(iii) If the American people had seen what I had seen in New York City, you'd have **great faith**, too. You'd have **faith** in the hard work of the rescuers;

(iv) And on this day of - on the **Lord's Day**¹⁰, I say to my fellow Americans, thank you for your **prayers**, thank you for your **compassion**, ...

Como se percebe, é bastante recorrente a escolha de termos que remetem à produção de uma atmosfera de fé e de devoção, a qual é absolutamente compatível com os dispositivos cenográficos anteriormente apresentados: pessoas de bem lutando contra as adversidades de um tempo de provações, sem perder a fé no que de mais precioso possuem, a saber, o sentimento de compaixão, de solidariedade, de confiança.

Contudo, esse dispositivo cenográfico, que passamos a denominar “testemunho de fé”, se constrói ainda por meio de um investimento em uma dada configuração sintática do texto: a sintaxe da repetição. Vejamos algumas de suas manifestações:

(i) Today, millions of Americans mourned and prayed, and tomorrow we go back to work.

Today, people from all walks of life gave thanks for the heroes; (...) and tomorrow the good people of America go back to their shops, their fields, American factories, and go back to work.

We need to go back to work tomorrow and we will.

(ii) We're a great nation.

We're a nation of resolve.

We're a nation that can't be cowed by evil-doers.

(iii) I've got great faith in the American people. If the American people had seen what I had seen in New York City, you'd have great faith, too. You'd have faith in the hard work of the rescuers; you'd have great faith because of the desire for people to do what's right for America; you'd have great faith because of the compassion and love that our fellow Americans are showing each other in times of need. (...)

I also have faith in our military. (...)

On this day of faith, I've never had more faith in America than I have right now. (...) ... I have great faith in the resiliency of the economy.

(iv) And we have got a job to do - just like the farmers and ranchers and business owners and factory workers have a job to do. My administration has a job to do, and we're going to do it.

(v) I say to my fellow Americans, thank you for your prayers, thank you for your compassion, thank you for your love for one another.

(vi) But we've been warned. We've been warned there are evil people in this world. We've been warned so vividly - and we'll be alert. Your

government is alert. The governors and mayors are alert that evil folks still lurk out there.

(vii) And we understand. And the American people are beginning to understand. (...) And the American people must be patient. I'm going to be patient.

(viii) We will continue to work with Pakistan and India. We will work with Russia. We will work with the nations that one would have thought a couple of years ago would have been impossible to work with ...

(ix) They [Pakistan, India, Saudi Arabia] know what my intentions are. They know my intentions are to find those who did this, find those who encouraged them, find them who house them, find those who comfort them, and bring them to justice.

Se dizemos que a cenografia que ora se atualiza é a do “testemunho de fé” (fé na atitude dos americanos, no poder de recuperação da economia do país, nos valores de justiça e liberdade), em estreita afinidade com a retórica dos sermões religiosos, isso se deve em grande parte à insistência nos paralelismos sintáticos que transcrevemos. Paralelismos que não ocorrem por acaso! Com efeito, em estudo sobre a repetição nos sermões do padre Vieira, Lopes (1997) indica, a partir da análise do *Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma*, alguns objetivos da repetição: “ativar a imaginação, sustentar uma idéia ou pensamento por um determinado tempo, imprimir uma imagem na mente mediante o martelar constante de determinadas palavras ou frases e até, conforme o caso, persuadir o receptor da mensagem, envolvendo-o emocionalmente”. A repetição configura-se, pois, como procedimento que imprime uma certa ritmicidade, garantindo a “variação na unidade”, a expressão da “pluralidade de forma unitária”

(Haddad, 1968, p. 12)¹¹: diz-se o mesmo repetidas vezes, procedimento que não deixa de exercer um papel relevante no que concerne à produção de subjetividade.

Conclusões

A partir de uma perspectiva discursiva para o tratamento das práticas languageiras, o objetivo deste artigo era aprofundar, por intermédio de uma concepção de *sujeito* e *mundo* vistos como posições relativas ocupadas por um *dentro* e um *fora* em permanente movimento de reconfiguração, o debate acerca de uma dupla função da linguagem – representação e intervenção – face à produção de subjetividade e à articulação entre o sujeito e o mundo: investigação que remete a uma concepção não essencialista do real segundo a qual *sujeito* e *mundo* resultam de dobras¹² que se refazem continuamente. O que concluir, então, a respeito de tal modo de pensar a produção de subjetividade a partir das análises realizadas?

Diríamos que, no texto-entrevista analisado, assistimos a uma dobra do religioso¹³, a qual é responsável pela formação de um *dentro* (promotor de uma subjetividade que acima de tudo se caracteriza pela fé na atitude do povo americano, no poder de recuperação da economia do país, nos direitos civis e nos valores de justiça e liberdade) e de um *fora* (o infiel, o que não tem remorsos, o que não pode suportar a idéia de liberdade, o bárbaro).

Tal modo de articulação entre *sujeito* e *mundo* (vistos como elementos relacionais) como o que ora se propõe parece contribuir significativamente para problematizar *identidade* e *alteridade*: com efeito, inexistiria uma diferença fundamental entre o mesmo e o outro¹⁴, uma vez que a forma de alteridade que ora se discute é a da alteridade que habita o mesmo:

Não existe outro senão na medida em que ele constitui o ensejo de um eu tornar-se outro. Se estou triste e alguém me sorri, o que posso desejar,

nesse instante, senão um mundo possível de alegria? Da mesma forma, é exatamente o mundo de alegria que faz passar o mundo de tristeza. (...) Fique claro então que alteridade não é propriamente aquilo que constitui o outro, sua qualidade, mas sim a relação do eu com aquilo que o altera. (Lambert da Silva, 2001: s/p.)

É possível ainda reafirmar a consubstancialidade entre o outro e o mesmo por outra via de argumentos: a alteridade pode efetivamente ser apreendida em diferentes planos de atualização, e não apenas em suas macroformas já sedimentadas e tornadas familiares. É assim que compreendemos a reflexão de Baudrillard acerca da distância (uma distância que, paradoxalmente, implica proximidade) entre *terror* e *terrorismo*:

Quanto ao terror, sabemos que já se encontra em toda parte, na violência institucional, mental e física, em doses homeopáticas. O terrorismo apenas cristaliza todos os ingredientes em suspenso. (Baudrillard, 2003, p.31)

Em um mesmo sentido parecem caminhar as observações de Guattari:

... há uma política que se dirige tanto ao desejo do indivíduo quanto ao desejo que se manifesta no campo social mais amplo. (...). [É preciso] intervir ativamente contra todas as máquinas de poder dominante, quer se trate do poder do Estado burguês, do poder das burocracias de toda e qualquer espécie, do poder escolar, do poder familiar, do poder falocrático no casal, e até mesmo do poder repressivo do superego sobre o indivíduo. (Guattari, 1985, p. 174)

No que concerne ao papel desempenhado pela linguagem na produção de um dado modo de subjetivação e no encontro entre sujeito e mundo, explicitamos a função dos dispositivos cenográficos em seu poder de linguagem-intervenção. Com efeito, vimos que, no texto-entrevista de Bush, a cenografia de *sermão religioso* parecia

cumprir adequadamente sua função de “armadilha”: trabalhando no sentido de “apagar” o quadro cênico original (no qual teríamos o discurso político como cena englobante e a entrevista como cena genérica), promovia uma outra composição de forças na qual uma nova cena genérica (*sermão de conforto aos fiéis diante da ameaça do inimigo*) vinha se inscrever em uma cena englobante atinente aos discursos religiosos. Eis, desse modo, a concretização de um dispositivo de cenografia que funciona como agente de fluidificação de formas instituídas, como promotor de uma linguagem-intervenção.

Que nova configuração de forças se dá mediante tal “deslocamento” cenográfico? Não nos alongaremos nessa questão. Diremos apenas, à guisa de conclusão, que, na passagem da cena política à cena religiosa, da entrevista midiática ao “sermão de admoestação aos ímpios”, o que ocorre é uma significativa alteração dos efeitos de sentido até então produzidos: a punição ao agressor, prometida em tom de ameaça pelo presidente, que a infligiria por iniciativa própria, deixará de ser assumida pela mão do homem e passará diretamente às mãos de Deus. Discursos que deixam entrever afetos e desejos, que buscam legitimação instituindo a cena enunciativa que anuncia um mundo apenas entrevisto no momento (e no qual terá lugar, em futuro próximo, a redentora invasão de um certo país do oriente); um mundo que, a seu turno, legitimará o direito de enunciar como o faz o orador-presidente. *God bless America!*¹⁵

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 75 p.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985. 229 p.

_____. **Caosmose** – um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 203p.

_____; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** – cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. 327 p.

HADDAD, Jamil Mansur. Introdução a Vieira – os elementos barroco e clássico na composição dos Sermões. In: VIEIRA, Padre Antônio. **Os Sermões**. São Paulo: DIFEL, 1968.

LAMBERT DA SILVA, Cléber Daniel. Devir-outro e os regimes de altero-identidade. 2001. Disponível em: www.faac.unesp.br/pesquisa/tolerancia/gedh/texto_direitos_cleber.htm. Acesso em: 28 maio 2006.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. A repetição na língua portuguesa. **Philologus**, Ano 11, número 32. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 1997.

MAGNOLI, Demétrio. Oportunidade perdida. **Folha de São Paulo**, São Paulo. Out. 2001. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/>. Acesso em: 19 maio 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989. 198 p.

_____. Cena de enunciação. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Contexto, p. 95-97, 2004a.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Contexto, 2004b. 238 p.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 237 p.

NAFFAH NETO, Alfredo. **O inconsciente** – um estudo crítico. São Paulo: Ática, 1985. 63 p.

_____. **O inconsciente como potência subversiva**. São Paulo: Escuta, 1991. 72 p.

_____. **Outr’em-mim** – ensaios, crônicas, entrevistas. São Paulo: Plexus, 1998. 141p.

ROCHA, Décio. Agenciamentos coletivos de enunciação e discursos midiáticos. **Semiosfera**, 8, ano 5, Rev. de Pós-graduação Eco-UFRJ. 2005. Disponível em: www.eco.ufrj.br/semiosfera. Acesso em: 18 julho 2005.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra deleuziana: políticas de subjetivação. **Revista do Departamento de Psicologia** – UFF, vol.16, número 1, p. 55-75, 2004.

⁰ Tendo em vista a forte recorrência da palavra no campo dos estudos lingüísticos, foram evitadas aqui as formas latinas *corpus* (sing.), *corpora* (pl.), preferindo-se conferir « cidadania portuguesa » a « *cópus* » (sing. e pl.). Trata-se de forma (ainda) não dicionarizada em língua portuguesa, situação que difere da que se verifica em francês, língua em que se atesta o registro de formas como « *le(s) corpus* » já no século XIX (**Lexis – dictionnaire de la langue française**, Larousse).

¹ Fonte: <http://www.whitehouse.gov/news/release>.

² Tal problemática, que remete aos agenciamentos coletivos de enunciação, é discutida em Rocha (2005).

³ Na caracterização do duplo modelo de inconsciente que ora apresento, recorri a Guattari (1985:166-71).

⁴ Tradução nossa.

⁵ *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

⁶ Em outros textos da Internet, diz-se que a *Frente* era o nome oficial da Al-Qaeda, criada por um decreto religioso de Bin Laden em 23/02/1998, com o objetivo de "matar os americanos, civis e militares".

⁷ Informações prestadas pela Associated Press, citada pela Dow Jones, Estadão.com.br – 18/9/01.

⁸ O leitor encontrará um maior detalhamento das diversas vozes que podem ser apreendidas no referido pronunciamento em Rocha (2005).

⁹ Poderíamos ainda dizer que os enunciados não “contam” senão aquilo que afeta o sujeito, aquilo que se torna um objeto de investimento desse sujeito. O que não significa, a meu ver, que a cenografia seja uma questão de “opção”, de “decisão” tomada pelo sujeito: o investimento em uma dada cenografia (e não em outra) é sempre regido por coerções tão importantes quanto as que definem um gênero de discurso, por exemplo.

¹⁰ A entrevista em questão com o presidente americano foi concedida em 16/09/2001, domingo, razão pela qual se faz referência ao *Lord's Day*.

¹¹ Em seu ensaio sobre os sermões do padre Antônio Vieira, Haddad explicita que a repetição vem atualizar uma das marcas do autor: “a tendência à circularidade do estilo, expressão da mais absoluta unidade” (Haddad, 1968, p.12).

¹² Segundo Silva (2004), “modo singular de flexão ou curvatura de um determinado estado de relação de forças que se atualiza nos ‘processos de subjetivação’ ”.

¹³ Vimos que a produção dessa dobra do religioso era possibilitada por intermédio das escolhas lexicais e da repetição de estruturas sintáticas, procedimento que mimetizava os sermões religiosos.

¹⁴ É assim que entendemos a afirmação de que terrorismo e globalização caminham *pari passu*: “O terrorismo atual não descende de uma história tradicional da anarquia, do niilismo e do fanatismo. É contemporâneo da globalização ...” (Baudrillard, 2003, p.51). Acrescento que, nesse mesmo modo de conceber *identidade* e *alteridade*, particularmente feliz é a “descoberta” da expressão “outr’em-mim” por Naffah Neto (1998).

¹⁵ Canção escrita originalmente em 1918 por Irving Berlin, imigrante nascido na Sibéria, e revisada pelo próprio autor em 1938, reiteradamente lembrada como expressão do patriotismo americano nos dias subseqüentes aos ataques de 11/09/2001 (Fonte: <http://www.answers.com/topic/god-bless-america>).